

LIVRO 2 DA TRILOGIA COMANDO SUL

AU TORI DADE



JEFF VANDERMEER

AUTORIDADE



AUTO

RIDADE

JEFF VANDERMEER

TRADUÇÃO DE BRAULIO TAVARES



Copyright © 2014 by VanderMeer Creative, Inc.

Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York

TÍTULO ORIGINAL
Authority

PREPARAÇÃO
Rodrigo Rosa
Marluce Faria

REVISÃO
Flora Pinheiro
Gabriel Pereira

DESIGN DE CAPA
© Charlotte Strick

ILUSTRAÇÃO
© Eric Nyquist

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V315a

VanderMeer, Jeff

Autoridade / Jeff VanderMeer ; tradução Bráulio Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.
384 p. ; 21 cm. (Trilogia Comando sul ; 2)

Tradução de: Authority
Sequência de: Aniquilação
ISBN 978-85-8057-711-2

1. Romance americano. I. Tavares, Bráulio. II. Título. III. Série.

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Ann

ENCANTAÇÕES

Nos sonhos de Controle é de manhã cedinho, e o céu é azul-escuro com apenas uma réstia de luminosidade. Ele está parado numa falésia olhando para um abismo, uma baía, uma pequena enseada. Sempre varia. Ele é capaz de ver quilômetros de profundidade naquelas águas mansas. Pode observar os leviatãs do oceano deslizando lá embaixo, como submarinos ou orquídeas em forma de sino, ou os cascos amplos dos navios, silenciosos, sempre se movendo, seu tamanho transmitindo tal impressão de poder que, mesmo olhando de tão alto, é capaz de sentir o tumulto que provocam com sua passagem. Ele fica horas examinando as formas, os movimentos, escutando os sussurros cujos ecos sobem até ele... e então ele cai. Devagar, bem devagar, cai silenciosamente na água escura, sem perturbá-la, sem produzir ondas. E continua a cair.

Às vezes isso acontece quando está acordado, como se não estivesse prestando suficiente atenção, e então começa a repetir o próprio nome em silêncio, até que o mundo real reaparece.

001: CAINDO

Primero dia. O começo de sua última oportunidade.

— Estes são os sobreviventes?

Controle estava ao lado da diretora assistente do Comando Sul, por trás de um espelho falso, observando três pessoas sentadas numa sala de interrogatório. Elas tinham voltado da décima segunda expedição à Área X. A primeira leva da décima segunda expedição, ou X.12.A, para ser mais preciso.

A diretora assistente, uma negra alta e magra com cerca de quarenta anos, não respondeu, o que não surpreendeu Controle. Ela não dissera uma palavra além do necessário desde sua chegada naquela manhã, depois de ter aproveitado a segunda-feira para se organizar. Também não lançou mais olhares em sua direção que o necessário, exceto quando ele disse a ela e a toda equipe que o chamassem de “Controle”, não “John” ou “Rodriguez”. Ela fez uma pausa breve, e então replicou: “Nesse caso, me chame de Paciência, não de ‘Grace’, por favor”, o que fez os presentes reprimirem o riso. A substituição do seu nome verdadeiro por

um que também tinha um significado lhe pareceu interessante. “Tudo bem”, disse ele, “posso chamá-la apenas de Grace”, certo de que ela não ia gostar. Ela contra-atacou ao passar a tratá-lo por diretor “em exercício”. O que era verdadeiro: entre a administração dela e a ascensão dele existia um vazio, um cânion de tempo e de formulários a preencher, procedimentos a seguir, demissões e contratações de funcionários. Até isso ser resolvido, a questão da autoridade ficaria indefinida.

Mas Controle preferia pensar nela como alguém sem paciência nem graça. Preferia considerá-la uma abstração, se não uma obstrução. Ela o obrigara a assistir até o fim a um antigo vídeo explicativo sobre a Área X, e devia saber que era algo básico e já datado. Tinha deixado claro que a relação entre os dois se basearia na animosidade. Da parte dela, pelo menos.

— Onde elas foram encontradas? — perguntou ele, quando o que realmente queria questionar era por que não tinham sido mantidas separadas umas das outras. Porque vocês não têm disciplina, porque seu departamento está entregue aos ratos há muito tempo? Eles estão lá no porão, roendo tudo. Ou talvez já venham por dentro das paredes.

— Leia os relatórios — respondeu ela, deixando claro que ele já deveria ter lido tudo.

E então saiu da sala.

Deixou Controle sozinho, observando os documentos na mesa à sua frente e as três mulheres do outro lado do espelho. Claro que ele tinha lido os relatórios, mas sua esperança era transpor as defesas da diretora assistente, talvez descobrir o que ela pensava. Lera parte dos relatórios sobre ela, também, mas ainda não sabia muito a seu respeito, exceto as reações dela à sua presença.

Após quatro horas do seu primeiro dia oficial de trabalho, ele já se sentia contaminado pelo ambiente encardido e bizarro do edifício, com seu surrado tapete verde e as opiniões retrógradadas das

pessoas com quem conversara. Tudo ali parecia sofrer uma espécie de empobrecimento, até mesmo a luz do sol que penetrava sem muita força pelas janelas altas e retangulares. Ele estava usando seu típico blazer preto e calça social, camisa branca com gravata azul-clara, e sapatos pretos que ele mesmo engraxara pela manhã. Agora se perguntava por que tinha se dado o trabalho. Esses pensamentos não lhe agradavam, pois não estava indiferente àquele ambiente — na verdade *pertencia* a ele —, mas era difícil evitá-los.

Controle ficou algum tempo observando as mulheres, embora sua aparência dissesse pouco. Todas tinham recebido os mesmos uniformes genéricos, lembrando levemente trajes militares, mas também parecendo trajes de zeladores. As cabeças foram raspadas, como se elas tivessem sofrido algum tipo de infestação, como piolhos, em vez de algo mais inexplicável. Seus rostos tinham todos a mesma expressão, ou, melhor dizendo, a mesma falta de expressão. Não pense nelas pelo nome, ele disse a si mesmo durante o voo. Deixe que de início estejam ali apenas pela função que exercem. Depois vá preenchendo o resto. Mas nunca fora fácil para Controle se manter distante. Gostava de mergulhar, de alcançar um patamar onde os detalhes trouxessem esclarecimentos sem atordoá-lo.

A topógrafa fora encontrada em casa, sentada numa cadeira no pátio dos fundos.

A antropóloga fora encontrada pelo marido, batendo na porta dos fundos do consultório médico dele.

A bióloga fora encontrada num terreno baldio coberto de mato, a vários quarteirões de onde morava, contemplando um muro de tijolos em ruínas.

Tal como aconteceu com os membros da expedição anterior, nenhuma delas tinha a menor lembrança de como voltara pela fronteira invisível que cercava a Área X. Nenhuma delas sabia como conseguira transpor os bloqueios, as cercas e outras formas de proteção que os militares construíram ao longo da

fronteira. Nenhuma delas sabia o que havia acontecido com o quarto membro da expedição — a psicóloga, que, na verdade, era também a diretora do Comando Sul, e que tinha enfrentado todas as objeções para liderar, incógnita, aquela expedição em particular.

Nenhuma delas parecia ter muitas recordações do que quer que fosse.

No refeitório, ao tomar o café da manhã, Controle ficou olhando pelas grandes janelas envidraçadas que ocupavam toda a extensão da parede e avistou o pátio com sua profusão de mesas de pedra. Depois observou as pessoas avançando devagar em filas — pareceu-lhe pouca gente para um edifício tão grande — e perguntou a Grace:

— Por que não está todo mundo eufórico com o regresso da expedição?

Ela lhe lançou um olhar paciente e estoico, como se ele fosse um estudante particularmente lento numa turma para crianças especiais.

— O que você acha, Controle?

Ela já tinha encontrado uma maneira de pronunciar seu nome de forma irônica, de modo que ele se sentia como o peso de chumbo nas varas de pescar do avô, fadado ao sedimento no fundo de dezenas de lagos. Grace continuou:

— Já passamos por tudo isso com a expedição anterior. Eles tiveram que suportar nove meses de interrogatórios, e nunca descobrimos nada. E durante todo esse tempo eles estavam morrendo. Como você se sentiria?

Longos meses de desorientação, e em seguida a morte causada por um tipo de câncer especialmente maligno.

Controle assentiu devagar em resposta. Claro que ela tinha razão. O pai dele morrera de câncer. Não havia pensado que tipo

de impacto isso podia ter sobre a equipe. Mesmo para ele era somente uma abstração, simplesmente palavras num formulário que se lê durante o pouso do avião.

Ali, no refeitório, o verde do tapete agora mais escurecido, um padrão de setas em verde-claro se destacou, todas apontando para o pátio lá fora.

— Por que não há mais luzes aqui? — perguntou ele. — Para onde vai toda a luz?

Mas àquela altura Grace já tinha parado de responder a suas perguntas.

Quando uma das três — a bióloga — virou a cabeça só um pouquinho, encarando o espelho como se pudesse vê-lo, Controle desviou o olhar com uma espécie de constrangimento tardio. O procedimento de observação era impessoal, profissional, mas provavelmente não era essa a sensação das mulheres, embora soubessem que estavam sendo avaliadas.

Não o avisaram de que passaria seu primeiro dia interrogando os expedicionários da Área X, e as pessoas da Central deviam saber disso quando lhe ofereceram a vaga. Os membros da expedição tinham sido recolhidos havia quase seis semanas. Foram submetidos a testes durante um mês, numa estação de processamento mais ao Norte, antes de serem enviados para o Comando Sul. Assim como ele próprio fora enviado primeiro para a Central, onde suportara duas semanas de reuniões incluindo intervalos, dias inteiros que sumiam no esquecimento sem que nada de fato acontecesse, como se tivessem planejado para ser exatamente assim. E então as coisas aceleraram, e ele pressentiu certa urgência.

Eram detalhes assim que vinham lhe causando uma inútil exasperação desde a sua chegada. A Voz, seu primeiro contato na direção dos escalões superiores, sugerira numa reunião ante-

rior que aquela era uma missão bastante fácil, dado o histórico dele. O Comando Sul tinha se tornado uma agência atrasada, isolada, a guardiã de um segredo adormecido com o qual ninguém parecia mais se importar, uma vez que o foco estava em terrorismo e colapso ecológico. A Voz dissera, com seu tom raibugento, que a missão dele seria “aclimatar-se, avaliar, analisar e depois ir mais fundo”, o que não eram suas instruções-padrão naquela época.

Controle iniciara sua carreira, reconhecidamente de altos e baixos, na área de vigilância de células terroristas domésticas. Depois o jogaram para síntese de dados e análise organizacional — duas dezenas de casos ou mais, banais em suas semelhanças e sobre os quais ele estava proibido de falar. Casos invisíveis ao público: a história secreta do nada. Porém cada vez mais ele tinha se tornado “o consertador”, porque era muito melhor na identificação de problemas alheios específicos do que na administração de problemas genéricos próprios. Aos 38 anos, era assim que passara a ser conhecido, se é que o conheciam por algo. Ou seja, ele não precisava permanecer até o final da missão, mesmo que àquela altura tudo que quisesse fosse isso: acompanhar alguma coisa até o fim. O problema é que as pessoas não gostam de um consertador — “Ei, deixe-me mostrar onde você está errando” —, principalmente quando acham que o próprio consertador necessita de conserto.

Sempre começava bem, o que não queria dizer que o resultado seria satisfatório.

A Voz também deixara de mencionar que a Área X ficava do lado oposto de uma fronteira que, mais de trinta anos depois, ninguém conseguia compreender. Não, ele só tinha tomado conhecimento disso ao examinar os relatórios e assistir às desnecessárias sessões dos registros em vídeo.

Também não sabia que a diretora assistente o odiaria tanto pelo simples fato de ele estar substituindo a diretora desaparecida.

Embora ele devesse ter adivinhado; de acordo com os fragmentos de informação no arquivo, ela crescera num lar de classe média baixa, estudara em escolas públicas e trabalhara muito mais do que a maioria para chegar à posição que ocupava agora. Controle, por outro lado, chegava ali cercado de murmúrios sobre seu vínculo com uma dinastia invisível, o que, como é natural, gerou ressentimentos. Ninguém poderia negar esse fato, mesmo que, analisando com afinco, a dinastia não fosse mais que uma franquia atrofiada.

— Estão prontas. Vamos lá.

Grace, que surgiu novamente como por encanto, chamava-o com um gesto enérgico no umbral.

Havia, e ele sabia disso muito bem, inúmeras maneiras de sobrepujar a oposição ou a vontade de um colega. Provavelmente teria de experimentar todas.

Controle apanhou dois dos três relatórios que estavam sobre a mesa e, com os olhos cravados nos olhos da bióloga, rasgou-os ao meio, sentindo a resistência do papel, e largou os pedaços no cesto.

De trás dele veio um som como o de alguém engasgando.

Ele se virou, encarando a raiva muda na expressão da diretora assistente. Mas ele podia ver também em seus olhos certo cansaço. Muito bom.

— Por que você ainda utiliza relatórios em papel, Grace? — perguntou ele, dando um passo à frente.

— A diretora insistiu. Você fez isso por alguma razão?

Ele a ignorou.

— Grace, por que nenhum de vocês se sente à vontade para usar as palavras *alienígena* ou *extraterrestre* quando se refere à Área X?

Mas ele mesmo também não se sentia à vontade. Às vezes, desde que lhe tinham revelado a verdade, ele sentia um enorme abismo se abrindo dentro de si, cheio de seus próprios gritos e

manifestações de incredulidade. Mas nunca revelaria isso a ninguém. Tinha a expressão de um jogador de pôquer; namoradas, parentes e até mesmo desconhecidos já haviam lhe dito isso. Cerca de um metro e oitenta de altura. Impassível. A estrutura muscular e compacta de um atleta; era capaz de correr quilômetros sem se cansar. Orgulhava-se de manter uma boa dieta e fazer exercícios regularmente, embora gostasse de beber uísque.

Ela não se deixou abalar.

— Ninguém tem certeza. Não devemos tirar conclusões precipitadas.

— Mesmo depois desse tempo todo? Só preciso entrevistar uma delas.

— O quê? — perguntou ela.

A contundência de seu gesto se transferiu para a conversa.

— Não preciso dos outros relatórios porque me basta interrogar uma delas.

— Você precisa de todas. — Era como se ela ainda não compreendesse.

Ele girou o corpo para pegar o relatório restante.

— Não. Basta a bióloga.

— Isso é um erro.

— Setecentos e cinquenta e três não é um erro — disse ele.
— Setecentos e vinte e dois também não.

Os olhos dela se estreitaram.

— Tem algo de errado com você.

— Mantenha a bióloga ali dentro — disse ele, ignorando-a, mas adotando sua maneira de falar. *Eu sei uma coisa que você não sabe.* — Mande as outras de volta para o alojamento.

Grace o olhou como se ele fosse uma espécie de roedor e ela não pudesse decidir se devia ter repulsa ou piedade. Depois de um instante, porém, assentiu secamente e saiu.

Ele relaxou, soltando a respiração. Embora ela tivesse de acatar suas ordens, ainda estaria no controle das equipes por mais

uma ou duas semanas, e poderia prejudicá-lo de mil maneiras diferentes antes que ele estivesse completamente integrado.

Aquilo era alquimia ou uma magia verdadeira? Será que ele estava errado? E será que fazia diferença? Se estivesse errado, cada uma delas era, em todo caso, igual às outras.

Sim, fazia diferença.

Aquela era sua última chance.

Sua mãe lhe dissera antes de ele ir para lá.



A mãe de Controle sempre lhe parecerá um clarão de luz à distância no céu noturno. Aparecendo e sumindo, sumindo e aparecendo, e sempre na lembrança; talvez deixasse a dúvida sobre o que era, sobre o que produzira aquela luz. Mas nunca se poderia *saber* com certeza.

Como filha única, Jackie Miranda Severance entrou para a carreira militar seguindo o exemplo do pai, Jack Severance, e acabou se destacando; agora possuía uma patente mais alta do que o próprio pai, um agente cheio de condecorações. Jack a criou para ser brilhante, organizada, pronta para liderar. Controle tinha ouvido dizer que o avô submetera Jackie a corridas de obstáculos quando criança, e a fizera enfiar baionetas em sacos de farinha. Não havia muitos álbuns de família para ele confirmar essas histórias. Fosse qual fosse o processo, ele também criara nela uma espécie de crueldade despreocupada, uma expectativa de alto desempenho e certo calculismo que se manifestava como aparente indiferença pelo destino alheio.

Nesse papel, Controle a admirava fervorosamente, e sem dúvida tinha procurado imitá-la, mesmo que em níveis mais modestos... Mas, como mãe, mesmo quando estava próxima, ela não era confiável em ações como buscá-lo na escola na hora certa, ou lembrar de preparar seu lanche, ou ajudá-lo com o dever de casa.

Raramente era consistente quanto às obrigações importantes no mundo das pessoas comuns daquele lado da divisa. Ainda assim, ela sempre o incentivou em sua jornada rumo e pelo serviço militar.

Vovô Jack, por outro lado, nunca simpatizou muito com essa ideia, e um dia olhou para ele e disse: “Eu não acho que ele tenha o temperamento certo.” Foi uma opinião arrasadora para um garoto de dezesseis anos que já tomara sua decisão, mas serviu apenas para deixá-lo ainda mais determinado, mais focado, mais voltado na direção do céu e da luz. Depois achou que o avô dissera aquilo justamente com essa intenção. O avô tinha uma personalidade imprevisível, explosiva, enquanto a mãe era uma chama gelada e azul.

Quando ele tinha oito ou nove anos, foram pela primeira vez ao chalé perto do lago onde passavam o verão — “nosso clube secreto de espões”, como sua mãe o chamava. Somente ele, a mãe e o avô. Havia um velho aparelho de TV num canto, em frente ao sofá esfarrapado. O avô o fazia mexer na antena para melhorar a imagem. “Um pouco mais para a esquerda, Controle”, dizia ele. “Mais um pouquinho.” A mãe estava no quarto ao lado, estudando alguns arquivos recentemente liberados que trouxera do escritório. E foi assim que ele ganhou seu apelido, sem saber que o avô tinha se inspirado no jargão dos espões. Sendo garoto, ele se apegou àquele apelido como algo especial, algo que seu avô lhe dera como um gesto de amor. Mas ele era astuto o bastante para não revelar isso a ninguém de fora da família, mesmo às suas namoradas, durante muitos anos. Deixou que pensassem que era um apelido recebido na escola, onde jogava como quarterback na equipe de futebol americano. “Um pouco mais para a direita, Controle.” Arremesse a bola como um astro. O que ele mais gostava era perceber onde estavam os receptores e mandar a bola exatamente lá. Mesmo que se saísse melhor apenas nos treinos, ficava satisfeito com aquele tipo de precisão, a geometria, a expectativa.

Quando cresceu, assumiu “Controle” como seu próprio nome. Podia sentir agora o aguilhão de condescendência que havia na palavra, mas jamais iria perguntar ao avô se ele a pronunciava com essa intenção, ou com alguma outra. Imaginou se o fato de passar tanto tempo lendo quanto pescando teria de algum modo predisposto o avô contra ele.

Então, sim, ele adotou e recriou aquele nome, permitiu que se perpetuasse. Mas esta era a primeira vez que instruíra seus colegas de trabalho a chamarem-no de Controle, e na verdade não sabia explicar por quê. Era algo que simplesmente lhe ocorrera, como se daquela forma pudesse recomençar do zero.

Um pouco mais para a esquerda, Controle, e talvez você acerte aquele facho de luz.



Por que um terreno baldio? Ele ficou pensando nisso desde que vira o vídeo das câmeras de segurança, pela manhã. Por que a bióloga fora para aquele terreno baldio, e não para a própria casa? As outras duas voltaram para um lugar pessoal, um lugar com o qual tinham um laço afetivo. Mas a bióloga permanecera durante horas e horas num terreno coberto de mato, alheia a tudo à sua volta. Tendo visto tantos vídeos de suspeitos, Controle se especializara em detectar os gestos ou tiques nervosos mais inocentes, indicações de que havia algum sinal sendo transmitido. Mas naquele vídeo não existia nada semelhante.

A presença dela ali fora informada ao Comando Sul através de um relatório da polícia local, que a deteve por vadiagem: uma reação lenta, motivada pelas buscas que tiveram início assim que o Comando Sul deteve as outras duas.

E depois havia o problema de concisão *versus* concisão.

753. 722.

Uma pequena pista, mas Controle já tinha pressentido que a missão girava em torno de detalhes, de um trabalho investigativo. Nada surgiria com facilidade. Ele não podia contar com a sorte; aquele não seria o caso de um terrorista amador com merda na cabeça armado com uma bomba de fertilizantes e uma versão barata de uma ideologia qualquer — o tipo do sujeito que desmora depois de vinte minutos de interrogatório.

Durante as entrevistas preliminares para determinar quem faria parte da décima segunda expedição, a bióloga tinha, segundo as transcrições em seu dossiê, respondido em apenas 753 palavras. Controle as contara. Isso incluía as palavras *café da manhã* como a resposta completa a uma pergunta. Controle admirou aquela réplica.

Ele contou e recontou as palavras enquanto esperava que instalassem seu computador, emitissem seu cartão de segurança, lhe entregassem as senhas e os códigos, e refizessem todos os outros rituais a que ele já se acostumara durante sua passagem por várias agências e departamentos.

Ele insistiu em ocupar a sala da antiga diretora, apesar dos esforços de Grace para isolá-lo num cômodo que era uma espécie de armário de vassouras melhorado, longe do centro dos acontecimentos. Insistiu também que tudo fosse deixado na sala exatamente como estava, inclusive objetos pessoais. Era visível que ela não apreciava a ideia de vê-lo remexendo nos pertences da diretora.

“Você está meio por fora”, dissera Grace depois que os outros saíram. “Não está aqui totalmente.”

Ele apenas assentira, pois não adiantava negar que era um pouco estranho. Mas se estava ali para avaliar e consertar algo, precisava ter uma ideia melhor do que havia de errado e, como um sociopata em outra estação tinha dito certa vez, “o peixe começa a apodrecer pela cabeça”. Peixes apodrecem por igual, já que a degradação das células é não hierárquica, não é determinada por castas; mas a mensagem foi registrada.

Controle assumiu imediatamente seu posto por trás da mesa que parecia um aríete, por entre as pilhas e mais pilhas de pastas de papéis, a profusão de bilhetes e post-its. A cadeira giratória lhe proporcionava uma vista panorâmica das estantes de livros nas paredes, intercaladas com quadros e murais cobertos de camadas de papéis pregados e repregados até parecerem mais uma série de instalações artísticas esquisitas, delicadas e caóticas. A sala tinha um cheiro rançoso, com um resíduo de cigarros fumados muito tempo atrás.

O tamanho e o peso do monitor do computador indicavam o quanto estava obsoleto, bem como o fato de que pifara décadas atrás e continha uma espessa camada de pó. Alguém o tinha empurrado descuidadamente para um lado; duas sombras no calendário de papel mata-borrão abaixo indicavam a sua posição anterior, assim como a do laptop que aparentemente o substituíra — embora ninguém fosse capaz de localizá-lo agora. Ele fez uma anotação mental para perguntar se o tinham procurado na casa dela.

O calendário era do final dos anos 1990; teria sido nessa época que a diretora começou a perder o fio da meada? Ele a visualizou na Área X com a décima segunda expedição, vagando pelo mato sem destino: uma mulher alta, robusta, de quarenta anos, mas que aparentava mais idade. Silenciosa, cheia de conflitos, dilacerada. Possuída pelas próprias responsabilidades, permitia-se acreditar que sua obrigação era juntar-se às pessoas que enviara para aquele local. Por que ninguém conseguira detê-la? Ninguém se importava com ela? Ela fora capaz de convencer a todos: A Voz não tinha dito nada. Os arquivos sobre ela, exasperantemente incompletos, não revelaram nada.

Tudo que Controle via à sua volta demonstrava que ela era uma pessoa comprometida, mas que ao mesmo tempo não se comprometera nem um pouco com o funcionamento da agência.

Cutucando seu joelho do lado esquerdo, por baixo da mesa, estava a torre do computador. Ele pensou se também teria deixado

do de funcionar nos anos 1990. Controle concluiu que era melhor nem ver as salas onde os técnicos consertavam hardwares, os pobres cadáveres abatidos dos computadores de décadas passadas, o museu caótico e involuntário de plásticos e fios e placas de circuitos. Ou talvez o peixe começasse mesmo a apodrecer pela cabeça, e somente a diretora tivesse entrado em decomposição.

Assim, sem computador, pois seu laptop ainda não estava suficientemente protegido, Controle dedicara-se a ler por alto as transcrições das entrevistas iniciais com os membros da décima segunda expedição. A própria ex-diretora, na qualidade de psicóloga, as conduzia.

As recrutas tinham se revelado incontroláveis, irreprimíveis, na opinião de Controle: tagarelas, cheias de risadinhas, movendo-se com estardalhaço, produzindo um clichê atrás do outro. Pessoas que, em comparação, pareciam incapazes de controlar a própria língua: 4.623 palavras... 7.154 palavras... E a campeã das campeãs, a linguista que havia desistido no último minuto, e que produzira 12.743 palavras de respostas, incluindo uma recordação de infância estendida heroicamente e “tão divertida quanto um cálculo renal expelido pelo pênis”, como alguém rabiscara na margem do texto. O que fazia com que a bióloga e suas compactas 753 palavras se destacassem. Aquele tipo de autocontrole o levava a prestar atenção não apenas nas palavras, mas nas pausas entre elas. Por exemplo: “Gostei de todos os empregos que tive nessa área.” E no entanto ela fora despedida da maioria deles. Ela achava que não tinha dito nada, mas cada palavra — até mesmo *café da manhã* — criava uma abertura. O café da manhã não fora muito agradável para a bióloga na infância.

O fantasma estava bem ali, nas transcrições feitas depois do seu regresso, movendo-se através do texto. Coisas que se revelavam nos espaços vazios, fazendo com que Controle não as quisesse repetir em voz alta por medo de não ser capaz de perceber as nuances e as referências ocultas. Uma descrição neutra de um cardo... uma

menção a um farol. Uma ou duas frases descrevendo a natureza da luz sobre os pântanos da Área X. Nada disso devia tê-lo afetado, mas ainda assim ele a sentia presente, de algum modo, olhando por cima do seu ombro; algo que ele não sentira em nenhuma das entrevistas com os outros membros da expedição.

A bióloga dizia lembrar tão pouco quanto as outras.

Controle sabia que era mentira — ou se revelaria mentira se ele lhe arrancasse as informações. Valeria a pena fazer isso? Ela estava cautelosa porque acontecera algo na Área X, ou somente porque era do seu temperamento ser assim? Uma sombra passou então sobre a mesa da diretora. Ele estivera ali antes, ou perto dali, tomando essas mesmas decisões, e isso quase o arrebitara, quase explodira dentro dele. Mas não tinha escolha.

Cerca de setecentas palavras depois que ela voltou. Tal como as outras duas. Mas, diferentemente delas, isso mal podia se comparar ao seu laconismo de antes da expedição. E havia os detalhes específicos, ausentes nas demais. Enquanto a antropóloga dizia algo como “A floresta estava deserta e intocada”, a bióloga dizia “Havia cardos cor-de-rosa por toda parte, mesmo onde a água doce se misturava à salgada... A luz ao entardecer era um clarão baixo, um brilho”.

Aquilo, combinado com o detalhe estranho do terreno baldio, levou Controle a crer que a bióloga poderia ter retido mais lembranças do que as outras. Que talvez estivesse mais consciente do que as outras, mas o escondesse por algum motivo. Ele nunca tinha se deparado com uma situação assim, mas se lembrava do caso de um colega que interrogou um terrorista com ferimento na cabeça e retardava ao máximo o interrogatório no hospital na esperança de que sua memória voltasse. Ela voltou. Mas somente os fatos, e não o impulso idealista que tinha originado suas ações; a partir daí estava perdido, tornou-se presa fácil para os inquisidores.

Controle não compartilhou sua teoria com a diretora assistente, porque, caso estivesse errado, ela utilizaria isso para reforçar a opinião negativa que tinha sobre ele. E também para deixá-la

na incerteza tanto tempo quanto possível. “Nunca faça algo por uma só razão”, seu avô lhe dissera mais de uma vez, e pelo menos nisso Controle seguira seus conselhos.

O cabelo da bióloga era longo e castanho-escuro, quase negro, antes que o raspassem. Ela tinha sobranceiras grossas e escuras, olhos verdes, um nariz delicado e um pouquinho torto (ela o quebrara certa vez, ao cair nas rochas), e maçãs do rosto salientes que indicavam sua herança asiática de um lado da família. Seus lábios rachados eram surpreendentemente cheios para um rosto tão fino. Ele desconfiou dos seus olhos, das porcentagens observáveis, e checkou para confirmar que não tinham cor diferente antes da expedição.

Mesmo sentada à mesa ela dava a impressão de ser fisicamente forte, com músculos salientes no ponto em que o pescoço e os ombros se encontravam. Até então, todos os testes em busca de câncer ou outras anomalias tinham tido resultados negativos. Controle não lembrava os dados exatos da ficha, mas tinha a sensação de que ela era quase tão alta quanto ele. Fora confinada na ala leste do edifício havia duas semanas, sem fazer nada senão comer e exercitar-se.

Antes de partir na expedição, a bióloga recebera um intenso treinamento de técnicas de sobrevivência e uso de armas nas instalações que a Central destinava a esse propósito. Certamente fora instruída com todas as meias-verdades que a cúpula do Comando Sul julgava necessárias, baseadas em critérios que Controle considerava misteriosos e até mesmo suspeitos. Fora também submetida a um condicionamento que a tornava mais receptiva à sugestão hipnótica.

A psicóloga e ex-diretora teria recebido certo número de comandos hipnóticos para usar, palavras que, combinadas, deveriam induzir certos efeitos. Um pensamento cruzou a mente de Controle enquanto a porta se fechava às suas costas: a diretora teria contribuído para a confusão de memória das três, enquanto ainda estavam na Área X?

Controle acomodou-se numa cadeira de frente para a bióloga, sabendo que Grace, no mínimo, estaria observando os dois do outro lado do espelho falso. A bióloga já tinha sido interrogada por alguns especialistas, mas Controle também era um deles ao seu modo e precisava desse contato face a face. Havia algo na dinâmica de uma entrevista presencial que se perdia no vídeo e nas transcrições.

O piso por baixo dos seus sapatos era encardido, quase pegajoso. As lâmpadas fluorescentes no alto piscavam a intervalos irregulares, e tanto a mesa quanto as cadeiras pareciam ter sido trazidas de um refeitório do ensino médio. Ele sentia o cheiro penetrante e metálico de desinfetante barato que lembrava mel estragado. Aquela sala não inspirava confiança no Comando Sul. Uma sala para entrevistas de avaliação — ou feita para parecer uma sala de entrevistas de avaliação — devia ser mais confortável do que uma cuja finalidade única e permanente fosse o interrogatório, a presunção de uma possível resistência.

Agora que Controle estava sentado em frente à bióloga, ela impunha uma presença que o fazia hesitar em olhá-la dentro dos olhos. Mas ele sempre se sentia nervoso antes de interrogar alguém, como se a mãe, aquele clarão no céu, tivesse desviado de sua trajetória e descido para ficar junto ao seu ombro, em carne e osso, observando-o. A verdade é que ela de vez em quando verificava suas atividades. Podia ter acesso àquela gravação. Portanto, não era apenas paranoia ou impressão, era uma parte possível da sua realidade.

Às vezes, enfatizar seu nervosismo, fazer a pessoa em frente relaxar ajudavam o processo. Então, ele pigarreou, tomou um

hesitante gole d'água da garrafa que trouxera e mexeu inquietamente no documento que colocara na mesa entre eles, junto do controle da TV à sua esquerda. Para preservar as condições em que ela fora encontrada, garantindo, basicamente, que ela não tivesse sua memória melhorada de modo artificial, a diretora assistente ordenara que não se revelasse qualquer informação pessoal sobre ela. Controle considerou isso maldade, mas concordou com Grace. Ele queria que o documento entre eles parecesse uma possível recompensa, ainda que não soubesse se o entregaria a ela.

Controle se apresentou com seu nome verdadeiro, informou-a de que aquela “entrevista” estava sendo gravada e pediu-lhe que também se apresentasse pelo nome.

— Pode me chamar de Ave Fantasma — disse ela.

Haveria um tom de provocação na sua voz mansa?

Ele ergueu os olhos para ela, no mesmo instante sentiu-se confuso e então desviou o olhar. Será que ela estava usando algum tipo de sugestão hipnótica sobre ele? Foi a primeira ideia que lhe ocorreu, mas logo a descartou.

— Ave Fantasma?

— Ou nada, se preferir.

Ele assentiu. Sabia o momento de deixar passar alguma coisa, pesquisaria aquela expressão depois. Tinha a vaga lembrança de ter visto algo parecido nos relatórios. Talvez.

— Ave Fantasma — disse, testando o nome. As palavras tinham uma textura seca, estranha, na sua boca. — Não recorda nada sobre a expedição?

— Já contei aos outros. Era uma natureza selvagem, intocada.

Ele julgou ter percebido uma nota de ironia em seu tom de voz, mas não tinha certeza.

— Como você definiria sua relação com a linguista durante o treinamento? — perguntou.

— Não muito próxima. Ela era muito loquaz. Não calava a boca. Era... — A bióloga se deteve, enquanto Controle reprimiu uma reação satisfeita.

Uma pergunta que ela não estava esperando. De maneira alguma.

— Ela era o quê? — insistiu ele.

O primeiro interrogador tinha utilizado a técnica-padrão: estabelecer conexão, apresentar os fatos, construir o relacionamento sobre essa base. Sem nenhum resultado concreto para apresentar.

— Não me lembro.

— Acho que lembra, sim. — E, se lembra disso, então...

— Não.

Ele abriu a pasta com gestos ensaiados e consultou as transcrições, desprendendo do clipe as folhas que traziam as informações mais importantes a respeito dela.

— Muito bem, então. Fale-me sobre os cardos.

— Os cardos?

O arqueio expressivo das sobrancelhas mostrou o que ela achava da pergunta.

— Sim. Você se referiu aos cardos de uma maneira muito específica. Por quê?

Aquilo ainda o deixava perplexo, a quantidade de detalhes a respeito dos cardos, numa entrevista gravada na semana anterior, quando ela tinha chegado ao Comando Sul. Fez com que pensasse novamente em sugestões hipnóticas. Fez com que pensasse em palavras sendo usadas como uma sebe protetora.

A bióloga deu de ombros.

— Não sei.

Ele apanhou uma transcrição e leu em voz alta:

— “Os cardos aqui têm florações cor de lavanda e brotam no espaço transicional entre a floresta e o pântano. É impossível evitá-los. Eles atraem uma variedade de insetos, e o murmúrio e o zumbido e o brilho que os cerca impregna a Área X com um

clima de atividade contínua, quase como o de uma cidade humana.” A fala continua, mas eu paro por aqui.

Ela voltou a dar de ombros.

Controle não queria pairar num só ponto, mas planar ao longo do território, mapear toda a extensão do espaço que desejava explorar com ela, por isso seguiu adiante.

— O que você lembra sobre o seu marido?

— Isso é relevante?

— Relevante para o quê? — Deu o bote.

Nada de resposta, de modo que repetiu:

— O que você lembra sobre o seu marido?

— Lembro que tive um. Algumas lembranças de antes de cruzar a fronteira, como eu tinha sobre a linguista.

Muito hábil aquela maneira de ligar uma coisa à outra, fazer tudo parecer partes de um mesmo conjunto. Uma vagueza, não uma precisão.

— Sabia que ele também voltou de lá, assim como você? — perguntou ele. — Que estava desorientado, assim como você?

— Eu não estou desorientada — retorquiu ela com aspereza, projetando o corpo, e Controle recuou.

Não sentiu medo, mas por um instante pensou que deveria sentir. Os exames do cérebro dela não tinham apontado anormalidades. Todas as precauções foram tomadas para prevenir qualquer coisa que remotamente lembrasse uma espécie invasora. Ou “um intruso”, como Grace costumava dizer, ainda incapaz de pronunciar qualquer palavra remotamente parecida com *alienígena*. Fosse como fosse, Ave Fantasma estava mais saudável agora do que quando partiu para a expedição; as toxinas presentes na maioria das pessoas de hoje estavam presentes nela e nas outras, mas em níveis bem menores do que o normal.

— Não quis ofender — disse ele.

E o fato era que ela *estava* desorientada, ele sabia bem. Não fazia muita diferença o que ela lembrava ou deixava de lembrar, a bióloga

que ele viera a conhecer pelas transcrições das conversas pré-expedição não ficaria irritada tão facilmente. Por que ele a havia afetado?

Ele pegou o controle remoto junto da pasta e clicou duas vezes. A TV de tela plana na parede à esquerda iluminou-se com um chiado, mostrando a imagem com pouca resolução e fora de foco da bióloga parada no terreno baldio, quase tão imóvel quanto o calçamento ou os tijolos do edifício em frente. Toda a cena estava envolta naquele verde doentio das escuras câmeras de segurança.

— Por que esse terreno? Por que nós a encontramos ali?

Um olhar de indiferença e nenhuma resposta. Ele deixou o vídeo rodando. A repetição constante, ao fundo, às vezes ajudava a desmontar o entrevistado. Mas normalmente o vídeo mostrava um suspeito pousando um saco no chão ou enfiando algo numa lata de lixo.

— O primeiro dia de vocês na Área X — continuou Controle.

— A caminhada até o acampamento principal. O que aconteceu?

— Não muita coisa.

Controle não tinha filhos, mas imaginava que aquilo era mais ou menos o que ele conseguiria extrair de uma adolescente se lhe perguntasse como tinha sido o seu dia no colégio. Talvez fosse melhor não ser direto.

— Mas você se lembra muito bem dos cardos — disse ele.

— Não sei por que você insiste em falar de cardos.

— Porque o que você falou sobre eles indica que recorda de algumas observações que fez durante a expedição.

Uma pausa, e Controle sabia que a bióloga o estava encarando. Queria desenvolver o olhar, mas algo o avisava que não. Alguma coisa lhe dava a sensação de que corria o risco de cair nas profundezas do seu sonho.

— Por que estou presa aqui? — perguntou ela, e ele sentiu que agora já podia olhá-la nos olhos de novo, como se um momento de perigo tivesse passado e ido embora.

— Você não está presa. Isso faz parte de sua readaptação.

— Mas não posso ir embora.

— Por enquanto não — concordou ele. — Mas vai sair, sim.

Mesmo que seja para outras instalações; seriam mais dois ou três anos, se tudo corresse bem, antes de algum deles obter autorização para retornar ao mundo externo. Sua situação legal estava naquela zona cinzenta arbitrariamente definida pela ameaça à segurança nacional.

— Duvido muito — respondeu ela.

Ele resolveu tentar de novo.

— Se os cardos não são importantes, o que seria, então? — perguntou. — Devo lhe perguntar sobre o quê?

— Esse não é o seu trabalho?

— Qual é o meu trabalho? — perguntou ele, embora soubesse perfeitamente o que ela queria dizer.

— Você dirige o Comando Sul.

— Sabe o que é o Comando Sul?

— Sssim. — Num sibilo.

— Muito bem, e o segundo dia de vocês no acampamento? Quando foi que as coisas começaram a ficar estranhas? — Havia mesmo ficado estranhas? Ele tinha que supor que sim.

— Não me lembro.

Controle curvou-se para a frente.

— Posso colocar você sob hipnose. É meu direito. Posso fazer isso.

— Hipnose não funciona comigo — disse ela, e sua voz indicava a repulsa pela ameaça.

— Como pode saber?

Um momento de desorientação. Ela havia falado inadvertidamente algo que queria esconder ou tinha acabado de lembrar algo que estava perdido até então? Ela saberia a diferença?

— Eu só sei.

— Para que fique bem claro: podemos recondicionar você e depois colocá-la sob hipnose.

Tudo aquilo era blefe, pois necessitava de uma logística muito complicada. Para fazê-lo, Controle teria de enviá-la para a Central, e ela desapareceria para sempre naquele ventre gigantesco. Ele talvez recebesse relatórios, mas nunca mais teria contato direto com ela. E também não *queria* recondicioná-la.

— Faça isso, e eu te... — Ela conseguiu se conter antes de pronunciar o que pareceu o início da palavra *mato*.

Controle achou melhor ignorar. Já tinha sido alvo de muitas ameaças e sabia quais devia levar a sério.

— O que tornou você resistente à hipnose? — perguntou ele.

— *Você é resistente à hipnose?* — Desafiadora.

— Por que estava naquele terreno baldio? As outras duas foram encontradas quando foram procurar os entes queridos.

Nenhuma resposta.

Talvez já tivessem conversado o bastante por ora. Talvez fosse o suficiente.

Controle desligou a televisão, apanhou a pasta, cumprimentou-a com um aceno de cabeça e se dirigiu à porta.

Uma vez lá, a porta aberta deixando entrar mais sombras do que o necessário, ele se virou, consciente da presença da diretora assistente na ponta do corredor, e olhou de volta para a bióloga.

Ele enunciou, como tinha planejado, a fala de encerramento de um ato teatral:

— *Qual é a última coisa que você se lembra de fazer na Área X?*

A resposta, inesperada, saltou sobre ele como a luz tomando de assalto a escuridão.

— *Me afogar. Eu estava me afogando.*

LIVRO 2 DA TRILOGIA COMANDO SUL

“Não o avisaram de que passaria seu primeiro dia interrogando os expedicionários da Área X, e as pessoas da Central deviam saber disso quando lhe ofereceram a vaga. Os membros da expedição tinham sido recolhidos havia quase seis semanas. Foram submetidos a testes durante um mês, numa estação de processamento mais ao Norte, antes de serem enviados para o Comando Sul. Assim como ele próprio fora enviado primeiro para a Central, onde suportara duas semanas de reuniões incluindo intervalos, dias inteiros que sumiam no esquecimento sem que nada de fato acontecesse, como se tivessem planejado para que fosse exatamente assim. E então as coisas aceleraram, e ele pressentiu certa urgência.”

“Mais do que apenas uma narrativa de terror.
Há traços que lembram Edgar Allan Poe.”

The New York Times

“Uma trilogia extraordinária.”

Slate

“Jeff VanderMeer é o rei da Weird Fiction.”

The New Yorker

ISBN 978-85-8057-711-2



9 788580 577112

www.intrinseca.com.br